
Acessibilidade Emocional

http://146.164.63.47/alexandria_wp/category/artigo/

Publicado em 10 de julho de 2020.

“Muito mais do que respeitar as normas vigentes, a acessibilidade deve ser encarada como uma oportunidade de construir espaços mais agradáveis”, salientam as arquitetas Cristiane Duarte e Regina Cohen, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, no artigo publicado no Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído (ENEAC, 2018). Dessa forma, a “Acessibilidade Emocional”, cuja finalidade seria alcançar uma empatia espacial tanto em projetos de Arquitetura e Urbanismo como de Ergonomia e Design, seria essencial.

O artigo “Acessibilidade Emocional” das arquitetas Cristiane Duarte e Regina Cohen, ambas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi publicado na edição de 2018 do Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído (ENEAC). Inicialmente, as pesquisadoras salientam que “muito mais do que respeitar as normas vigentes, a Acessibilidade deve ser encarada como uma oportunidade de construir espaços mais agradáveis”. Elas usam como exemplo uma experiência didática realizada no Mestrado Profissional do PROARQ/UFRJ, que buscou sensibilizar o profissional experiente para novas visões mais amplas do espaço. Dessa forma, a “Acessibilidade Emocional”, cuja finalidade seria alcançar uma empatia espacial tanto em projetos de Arquitetura e Urbanismo como de Ergonomia e Design, seria essencial.

Percebe-se que muitos planejadores, designers urbanos e arquitetos buscam cumprir as normas vigentes. No entanto, não se preocupam com a relação de afeto e aconchego do público com o local, impossibilitando com que a “Acessibilidade Emocional” ocorra de forma mais generosa. Nesse sentido, mesmo que a luta pelos direitos de pessoas com deficiência tenha alcançado certas conquistas acerca da acessibilidade, poucas cidades conseguem promover uma verdadeira agradabilidade espacial, que propicie a seus habitantes o prazer em compartilhar os espaços públicos.

Segundo Cristiane Duarte, a empatia, como se sabe, é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Especificamente, a “Empatia Espacial” está associada à capacidade das pessoas de se reconhecerem em ambientes específicos. Curiosamente, neurocientistas (ver o trabalho de Berthoz de 2013) apontam que essa projeção de emoções para além de si mesmo ativa regiões cerebrais vinculadas ao deslocamento espacial. Ou seja, é possível explicar por que os espaços das cidades podem, muitas vezes, ser compreendidos como partes de nós mesmos. O espaço nos conquista de modo que nos reconhecemos nele e sentimos atraídos

por ele. Para promover esse sentimento, é necessário haver sintonia, uma ressonância, que nos conecte com o ambiente à nossa volta, chamada de “Empatia Espacial”.

As arquitetas expõem que a acessibilidade física não é o único fator necessário para gerar “Empatia Espacial”. É necessário que o espaço faça o usuário se sentir bem-vindo, respeitando os aspectos emocionais, afetivos e intelectuais que são indispensáveis para o estabelecimento de ligações entre o usuário e o lugar. Portanto, a “Acessibilidade Emocional” envolve todas as questões do ambiente que engloba esse usuário e o trata como um ser total, capaz de ativar relações completas com o espaço e com o outro.

Por se preocupar com o sentimento de afeto que o ambiente proporciona, a “Acessibilidade Emocional” também abrange a sensorialidade, as diferenças físicas e os aspectos subjetivos. Por meio dos sentidos há o dimensionamento do “eu” no mundo. Para estimular a construção de afeto pelo lugar, o corpo deve ser considerado em sua diversidade física, social, política, cultural e ambiental. Em contrapartida, de acordo com pesquisas mencionadas pelas autoras, os projetistas da arquitetura e design urbano não assumem o pilar da “Acessibilidade Emocional” como uma premissa.

A provável raiz do problema seria uma lacuna na maneira de ministrar as disciplinas que formam arquitetos, urbanistas e designers. Após a sua formação, muitos planejadores no Brasil ainda carregam consigo esse distanciamento e têm dificuldade de lidar com o público portador de deficiência. De acordo com Scott Rains (2011), a acessibilidade constantemente torna-se mera obrigação. Por meio de checklists, considera-se pessoas com deficiência como “problemas” a serem resolvidos e “ticados” quando as normas são atendidas, buscando apenas alcançar o mínimo exigido pela legislação.

Nesse contexto, materializam-se espaços e produtos que não acolhem nem despertam afetos positivos em seus usuários. As professoras citam uma experiência interessante com arquitetos atuantes no mercado de trabalho. No âmbito do curso de Mestrado Profissional (PROARQ), através da disciplina “Arquitetura Inclusiva”, mostrou-se que é possível mudar a perspectiva desses profissionais ao levar em consideração a importância da “Acessibilidade Emocional”. Viu-se que quando o ponto de vista dos usuários é tratado de forma empática, o fator deficiência torna-se protagonista.

As professoras do curso não negam que as Normas Técnicas de Acessibilidade representam conquistas importantes e que devem ser respeitadas. Mas indicam que é possível ir além desses referenciais. Ao repensar a acessibilidade como uma ponte para o afeto pelos lugares, é possível construir espaços e produtos realmente inclusivos.

Você pode ler o artigo “Acessibilidade Emocional” em:

<http://lasc.fau.ufri.br/artigos/203/acessibilidade-emocional>

Referências Bibliográficas:

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Acessibilidade Emocional**. Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído (ENEAC, 2018).

BERTHOZ, Alain. **Le changement de point de vue, un élément fondamental de la relation avec autrui et l'empathie**. Conferência na École Normale Supérieure de Paris em 10 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://savoirs.ens.fr/expose.php?id=1036>>

RAINS, Scott. **Accessibility is not Inclusion**. In: **New Mobility Magazine**. Janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.newmobility.com>

Por Nathália de Rezende Lima Martins
Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ
e
Wladimir Silva de Bulhões Carvalho
Graduando do curso de Nutrição da UFRJ